

SUJEITO INCÔMODO E SUJEITO-MÁQUINA: A FILOSOFIA DE SLAVOJ ŽIŽEK PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Merielle do Espírito Santo Brandão⁷¹

Resumo: Esse trabalho tem como objeto de pesquisa a subjetividade cartesiana e o sujeito do *cogito* dessa subjetivação à luz da filosofia de Slavoj Žižek. Os “modos de subjetivação” são compreendidos aqui a partir da crítica žižekeana ao “espectro que ronda a academia ocidental” que da modernidade ao contemporâneo perfaz um projeto de negação do sujeito cartesiano. A partir de uma análise filosófica, psicanalítica e política, Žižek formula uma defesa do sujeito do “grau zero” da ontologia política, a saber, o sujeito incômodo. Por fim, a leitura de *Órgãos sem Corpos* nos oferece o conceito sutil de “modos puros de subjetividade” na possibilidade do “devir-máquina”; uma realidade tecnológica atuante a qual o filósofo, a partir de uma crítica a Gilles Deleuze e Félix Guattari, compreende a “máquina desejante” nas possibilidades do sujeito-máquina com o acoplamento da máquina-máquina a máquina-sujeito nas vias de uma subjetivação desubstancializada.

Palavras-chave: Subjetividade; Sujeito incômodo; Sujeito-máquina.

Abstract: This work has as object of research the cartesian subjectivity and the subject of the *cogito* of this subjectivation in the light of Slavoj Žižek's philosophy. The “modes of subjectivation” are understood here from the žižekeana critique of the “spectrum that surrounds the western academy” that from modernity to the contemporary makes up a project of negation of the cartesian subject. From a philosophical, psychoanalytic and political analysis, Žižek formulates a defense of the subject of the “zero degree” of political ontology, namely, the uncomfortable subject. Finally, the reading of *Organs without Bodies* offers us the subtle concept of “pure modes of subjectivity” in the possibility of “becoming-machine”; an active technological reality which the philosopher, based on a criticism of Gilles Deleuze and Félix

⁷¹Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Mestra em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal De Sergipe - UFS. Especialização em Filosofia e Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Doutoranda em Filosofia do Conhecimento e Linguagem pela Universidade Federal De Sergipe – UFS. E-mail: meriellebrandao@gmail.com.br.

Guattari, understands the “desiring machine” in the possibilities of the subject-machine with the coupling of the machine-machine to the machine-subject in the path of subjectivity unsubstantialized.

Keywords: Subjectivity; Nuisance subject; Subject machine.

INTRODUÇÃO

O sujeito incômodo e sujeito-máquina: a filosofia de Slavoj Žižek para adiar o fim do mundo traz à luz duas obras filosóficas žižekianas: *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política* e o capítulo “Devir-máquina” do livro *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*, um debate sobre a subjetividade do *cogito* cartesiano e os “modos de subjetivação” do homem contemporâneo na perspectiva do devir-máquina no contexto do capital tecnológico atual. Assim, às reflexões obtidas nesta pesquisa versam de modo específico sobre o tema da subjetividade e das inferências submetidas às formas de subjetivações. Enquanto na obra *O sujeito incômodo* Žižek atravessa a história do sujeito do *cogito* a partir do corte epistemológico dado pelas filosofias que reproduzem um falimento ou negação desse sujeito cartesiano – a partir do que o filósofo esloveno chama de “espectro que ronda a comunidade acadêmica ocidental. O capítulo devir-máquina da obra *Órgão sem corpos* nos oferece de modo sucinto uma possibilidade do debate do sujeito-máquina como via de efetivação de um projeto de “modos puros de subjetivação”. No primeiro livro desse estudo nos deparamos com uma defesa žižekiana sólida do sujeito incômodo e seu “grau zero” da ontologia política como marca de sua subjetividade. O sujeito da Revolução Francesa que rompe com os ideais humanísticos típicos da modernidade e se desfaz do perfil meramente burguês e apático, guardando em si um projeto de revolução e de “Acontecimento” que transcende o que na história da filosofia vários filósofos e filósofas de diferentes epistemologias buscaram, a saber: o esfacelamento e o descrédito do sujeito cartesiano em nome de uma investida apática e de estado de crise deste sujeito transformado no *cogito* da simples “imagem de Si transparente”. Desse modo, Žižek irá refletir sobre o “núcleo desconhecido do *cogito*” para a filosofia ocidental como o centro fundamental da subjetividade ontológica e política desse sujeito a partir do incômodo sujeito de Friedrich Hegel e do universalismo de Immanuel

Kant. Para o pensador esloveno existem três áreas epistemológicas que colocam a subjetividade do sujeito do *cogito* em um terreno pantanoso, duvidoso e pouco fértil; são eles: “a tradição do idealismo alemão; a filosofia política pós-althusseriana; a mudança “desconstrucionista” do sujeito para a problemática das múltiplas posições-de-sujeito e subjetivações.”⁷²Todas essas expondo um sujeito nas vias de inutilidade do seu sentido de sujeito-evento “acontecimental” ou instaurando uma crise irreversível de sua função de subjetividades e subjetivações.

No segundo livro desta pesquisa recorreremos a um tema expresso no capítulo “Devir-máquina” em *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*, onde Žižek retoma de modo sutil o tema contemporâneo do sujeito-máquina e das possibilidades de alcançarmos “modos puros de subjetivação” a partir da maximização do homem pela máquina. De modo geral e na contramão das ciências cognitivas e dos projetos de crise do humano e superações ficcionais do homem imerso em uma realidade do capitalismo tecnológico; a análise žižekiana alcança uma fusão promissora da máquina-máquina ao homem “máquina-desejante” (em uma leitura deleuziana); no que se refere as perspectivas do novo sujeito-máquina que vai se delineando na realidade das tecnologias do capital.

Portanto, é fundamental nessa pesquisa o entendimento em Slavoj Žižek a toda problemática do homem descentrado do contemporâneo por diversos prismas. Das inferências da psicanálise de tradição lacaniana às insurreições de um sujeito da revolução surgido no seio da modernidade. Do centro do debate produtivo da subjetividade e dos modos de subjetivações. Do debate do sujeito do *cogitocartesiano* ao homem descentrado do contexto tecnológico do capital. Todas essas leituras žižekianas citadas nos oferecem um debate esclarecedor e um campo de investigação de onde emergem possibilidades de epistemologias, políticas e ontologias diversas daquelas estruturadas pela tradição filosófica ocidental. Filosofias estas que, para Žižek, merecem ser revisadas e desfeitas de impregnações que em nada sugerem ou não mais suportam o debate e às perspectivas do homem contemporâneo.

O SUJEITO INCÔMODO

Quando nos referimos às inúmeras possibilidades do homem descentrado no contemporâneo, do sujeito moderno e das perspectivas do fim do sujeito e de seu “velho mundo”, buscamos uma compreensão epistemológica, política e histórica dos fatores

⁷² ŽIŽEK, Slavoj. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. Prefácio à nova edição. **Por que Lacan não é heideggeriano?** Tradução: Luigi Barichello. São Paulo: Editora: Boitempo, 2016.

atualíssimos que compõe o *locus* humanos e suas respectivas marcas no “mundo-da-vida”. Assim, intuímos claramente ser cerne fundamental desta compreensão ir em direção à uma possível definição da subjetividade como estadia daquele sujeito histórico da modernidade e do homem fluído do contemporâneo, ambos alvos deste debate – bem como repensar os vieses e traços da construção dessa subjetivação.

Nesta pesquisa, dois pontos de partida devem ser tomados inicialmente: o primeiro é que a partir de uma noção ontológica-política, delinearemos um entendimento deste homem politicamente necessário que o filósofo esloveno Slavoj Žižek chama de “sujeito incômodo”; o segundo é o entendimento o qual se presume que este homem é, primordialmente, o sujeito da subjetividade e, a saber: quais suas condições epistemológicas, políticas e históricas, empregadas por ele como marca de transformação do fim do velho mundo e suas auroras de possibilidades de edificação de um mundo novo. Portanto, o centro deste debate profícuo e pantanoso é um espectro de homem/sujeito na corda bamba da leitura de seus modos de subjetivação. A saber: qual a crise do ideal de sujeito subjetivo moderno *versus* o homem descentrado e necessariamente incômodo do contemporâneo? – este último ainda como resultado do sujeito da subjetivação moderna e criticado por uma tendência anti-cartesiana. Portanto, para compreendermos o desenvolvimento do tema, um ponto principal desta leitura deve ser explicitado, o fato de Žižek não só combater às intenções anti-cartesianas acadêmicas na obra *Sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*, como também estabelecer de forma clara que “o *sujeito incômodo* põe em foco a reafirmação da subjetividade cartesiana”⁷³, e não uma negação desta.

Este livro, portanto, esforça-se para reafirmar o sujeito cartesiano, cuja rejeição compõe o pacto silencioso de todas as áreas conflitantes no mundo acadêmico atual: apesar de todas essas frentes estarem oficialmente envolvidas numa batalha mortal (habermasianos *versus* desconstrucionistas, cognitivistas *versus* obscurantistas da Nova Era...), todas estão unidas na rejeição do sujeito cartesiano. A questão, obviamente, não é retornar ao *cogito* sob a roupagem com a qual essa noção dominou o pensamento moderno (o sujeito pensante autotransparente), mas trazer à tona seu avesso esquecido, o núcleo excessivo desconhecido do *cogito*, que vai além da apaziguadora imagem do Si transparente. (ŽIŽEK, 2016, p. 24)

De modo geral, Žižek percorre amiúde este “núcleo desconhecido do *cogito*” como centro da subjetividade desse sujeito; preocupando-se com este núcleo ignorado/ausente de uma ontologia política (norteadas por influência de certa ontologia política na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Além da obra ter a política compreendida como conflito, em uma

⁷³ ŽIŽEK, Slavoj. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. Prefácio à nova edição. **Por que Lacan não é heideggeriano?** Tradução: Luigi Barichello. São Paulo: Editora: Boitempo, 2016. p. 9.

referência análoga à ideia de “conflito psíquico” freudiano) e de ter como ponto de partida o incômodo sujeito de Friedrich Hegel e o universalismo kantiano.

O tema sujeito cartesiano é fundante no pensamento do filósofo esloveno no que diz respeito a teoria do homem da ontologia política contemporânea e já pré-contruído antes mesmo da produção de *O sujeito incômodo* de 1999. Em *Cogito and the Unconscious* publicado em Durham pela Duke University em 1998, Žižek já suscita um debate filosófico sobre as críticas sofridas pelo *cogito* cartesiano, dessa vez nas ciências cognitivas. Já em *O sujeito incômodo* a crítica é formulada em resposta ao anti-cartesianismo instigado dentro do âmbito da filosofia e que percorre os corredores de inúmeras epistemologias acadêmicas. Isto posto, segundo Žižek, “as três partes deste livro [incômodo] enfocam os três principais campos nos quais a subjetividade está em jogo hoje: a tradição do idealismo alemão; a filosofia política pós-althusseriana; a mudança “desconstrucionista” do sujeito para a problemática das múltiplas posições-de-sujeito e subjetivações.⁷⁴ Portanto, neste trabalho, pensaremos fundamentalmente a questão da subjetividade de modo amplo e de qual subjetividade estamos pensando (?). E por fim, como eixo desta pesquisa, traçaremos uma tentativa de junção e/suporte do sujeito incômodo e seu critério de subjetivação nas perspectivas do sujeito-máquina e seus “modos puros” de subjetividade – buscando para isso duas leituras fundamentais, como visto na introdução, as quais apesar de tematicamente diferentes são parte importante da produção teórica sobre a teoria do sujeito e todas às suas inferências na filosofia de Slavoj Žižek.

Afinal, em nome de que se dá às suas constituições de estruturas subjetivas na efetivação do seu mundo objetivo e todas às suas inferências? Qual o parâmetro epistemológico e histórico-político usado para mensurar o sujeito incômodo žižekiano e a partir de qual conceito de sujeito estamos trabalhando? A resposta para tais questionamentos encontra-se em Žižek na formação do homem cartesiano da modernidade, em sua relação direta entre subjetividade e política e, logo, nas marcas impregnadas que este sujeito adquiriu a partir do projeto político-ontológico o qual ele serviu.

Na leitura da “imagem de Si transparente” o sujeito cartesiano aparece na filosofia de Žižek como uma potência do projeto moderno sob a ressalva de que esse sujeito possui o “grau zero”, ou núcleo incômodo da revolução e/ou estabelecimento de uma ordem sistêmica para além do capitalismo.

⁷⁴ Ver, ŽIŽEK, Slavoj. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. Tradução: Luigi Barichello. São Paulo: Editora: Boitempo, 2016. p. 24.

Longe de ser pensado apenas na esfera do velho sujeito mecanicista, finalizado e pedagogicamente humanizado, no filósofo esloveno a “imagem de Si transparente” que fora atribuída àquela noção solipsista e humanista de sujeito, capta inicialmente o espírito cindido do homem da psicanálise se tornando, também, o sujeito da ontologia política do contemporâneo. Trata-se não de uma nova tentativa de sujeito e suas subjetivações, antes sim, de uma credibilidade díspar das iniciativas de o finalizar. E corre em sentido de resguardar um sujeito que não precisa de reformulações, apenas carece ser compreendido como aquele que possui uma subjetividade diferente da que buscou o modelo humanístico e pedagógico de homem na idade moderna.⁷⁵

Todavia, em que dado momento da história da modernidade o salto qualitativo daquele ideal de sujeito deixa de atender as demandas humanísticas e políticas do seu tempo e se personifica no sujeito incômodo? Segundo Žižek, o movimento político-histórico disruptivo para a possibilidade de uma outra subjetividade foi a Revolução Francesa (curiosamente ao citar a importância desse movimento no âmbito do “Acontecimento”, Žižek não pensa a Revolução no sentido de uma luta da classe burguesa – como historicamente conhecemos. O sujeito da burguesia aqui cede espaço para o sujeito da ontologia política dentro de uma batalha de classes; uma insurreição contra o antigo regime francês vindo de um sujeito emancipador que confere ao terror status de ferramenta fundante da Revolução). Deste modo, a Revolução Francesa aqui passa a ser entendida a partir do conceito de “Acontecimento”⁷⁶; as engrenagens

⁷⁵ “Trata-se de interrogar o sentido da ação revolucionária no interior do projeto moderno de reconhecimento das exigências de uma subjetividade que não pode ser compreendida nos quadros normativos do humanismo. Ou seja, Žižek quer mostrar como os fatos decisivos da história política mundial desde a Revolução Francesa foram animados pelo advento de uma noção de subjetividade que não podia mais ser definida através da substancialização de atributos do ‘humano’ e cujos interesses não permitiam ser compreendidos através da lógica utilitarista da maximização do prazer e do afastamento do desprazer. Ao contrário, a partir da Revolução Francesa, sobe à cena do político uma subjetividade ‘inumana’ por recusar toda e qualquer figura normativa e pedagógica do homem, por recusar de maneira ‘terrorista’ os hábitos e costumes, por não se reconhecer mais em natureza e em determinação substancial alguma. Assim, se Žižek pode olhar para Robespierre e dizer que “o passado terrorista deve ser aceito como nosso”, não se trata de fazer apologia voluntarista da violência política, mas de insistir que o verdadeiro problema político legado desde o advento da modernidade é: como construir estruturas institucionais universalizantes capazes de dar conta de exigências de reconhecimento de sujeitos não-substanciais que tendem a se manifestar como pura potência disruptiva e negativa?” SAFATLE, Vladimir. *Os fundamentos da filosofia política de Žižek*. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/06/27/safatle-politica-e-teoria-do-sujeito-em-zizek/>>. Acesso em 20/03/2021.

⁷⁶ O acontecimento em Žižek perpassa a ideia de um conceito continuamente mutável; suas abordagens compreendem diversos campos da vida humana (da arte à religião, filosofia a afins). Por ser abrupto, o acontecimento não pode ser pensado dentro de um campo histórico apenas datado e com realizações de fatos. Assumindo um caráter de transgressão do próprio contexto histórico rumo à transformação do modo como o Ser percebe-o mundo. É no tempo quase instantâneo ao Acontecimento, intermitência, que o sujeito-evento marca-se quanto sujeito “acontecimental”, como sujeito do fator ontológico da linguagem. “Nesse sentido preciso, o Acontecimento emerge *ex nihilo*: se não é possível explicá-lo nos termos da situação, isso não significa que ele

sociais presentes na Revolução contra o “*Ancien Régime*” foram o ponto de partida importante para entender este sujeito além das vias pedagógicas do projeto do humanismo; emergindo ali um fator anti-humanista da noção de sujeito cartesiano e de função ontológica política diversa do que se pretendia impor a este sujeito:

A Revolução Francesa, por exemplo, e o Acontecimento que torna visíveis/legíveis os excessos e inconsistências, a “mentira”, do *Ancien Regime*; e é a Verdade da situação do *Ancien Régime*, localizada, agarrada a ela. Um Acontecimento, portanto, implica sua própria série de determinações: o Acontecimento em si; sua nomeação (a designação “Revolução Francesa” não é uma categorização objetiva, mas parte do próprio Acontecimento, o modo como seus seguidores percebiam e simbolizavam sua atividade); seu Alvo final (uma sociedade de emancipação plenamente realizada, de liberdade-igualdade-fraternidade); seu “operador” (os movimentos políticos em luta pela revolução); e, *last but not least*, seu *sujeito*, o agente que, em nome do Acontecimento-Verdade, intervém no múltiplo histórico da situação e identifica/reconhece nele os sinais-efeitos desse Acontecimento. O que define o sujeito e sua *fidelidade* ao Acontecimento: o sujeito *sobrevém* ao Acontecimento e segue reconhecendo seus rastros no interior de sua situação. (Ibdem, 2016, p. 150)

Cabe lembrar que o “Acontecimento” Revolução Francesa é a marca da modernidade produzida por outro grande “Acontecimento”, divisor de águas na filosofia. A saber, para o pensador esloveno, René Descartes faz surgir “a emergência de um cogito puramente acontecimental, uma fenda na grande cadeia do ser”⁷⁷. Junto à Platão, Descartes e Hegel é na filosofia de Žižek parte da “santa trindade” da produção do objetivo-subjetivo-absoluto, respectivamente. Logo, o *cogito* nunca possuiu as características autômatas humanistas que o anti-cartesianismo lhe imprimiu, além de outras. *O cogito* cartesiano vai muito além da do sujeito da “imagem de Si transparente” e parte de um projeto “acontecimental” do sujeito a partir de uma subjetivação, que na Revolução Francesa se acresce de uma ontologia política avessa às ideias do humanismo. Os Jacobinos e Robespierre dão vida a este sujeito do “Acontecimento-Verdade” nas perspectivas do inumano, do revolucionário e do emancipado. A produção do “inumano” a partir da Revolução ganha força de entendimento sobre como deve ser o sujeito do “grau zero” da revolução.

Temos então que o sujeito cartesiano em Žižek não só é o sujeito-evento “acontecimental” da subjetividade cartesiana, ou o estado da arte da subjetividade, como também é a partir do próprio estatuto do Acontecimento ele é *per se*, o motor do Acontecimento

seja apenas uma intervenção de Fora ou Para-além – ele se agarra precisamente ao Vazio de cada situação, prende-se a sua inconsistência intrínseca e/ou a seu excesso.” Ver, ŽIŽEK, Slavoj. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. Tradução: Luigi Barichello. São Paulo: Editora: Boitempo, 2016. p. 150.

⁷⁷ Ver, ŽIŽEK, Slavoj. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. p. 76.

histórico Revolução Francesa – imensamente distante daquele sujeito cartesiano milimétrico da “imagem de Si transparente” que a produção anti-cartesiana ataca e lança diversas intenções de reformulações e de exclusão. Deste modo, na filosofia žižkeana a questão chave para entender o sujeito incômodo é, a princípio, lidar com a intelectualidade acadêmica que o renega e o aporta em um denominador comum entre ser o velho sujeito do projeto humanista e velho sujeito malsucedido da modernidade.

Na introdução da obra *O sujeito incômodo* Žižek aponta esses inúmeros nichos de epistemologias acadêmicas e define como se debruçam sobre o sujeito da subjetividade cartesiana; e de como incluem tentativas diversas de moldar uma narrativa conclusiva ou tentativas ficcionais, segundo o esloveno, como via de supressão ou esvaziamento deste sujeito. Assim, para ele “um espectro ronda a comunidade acadêmica ocidental:

...o espectro do sujeito cartesiano. Todas as potências acadêmicas uniram-se numa santa aliança para conjurá-lo: o obscurantista da Nova Era (que quer suplantar o “paradigma cartesiano” no sentido de uma nova abordagem holística) e o desconstrucionista pós-moderno (para o qual o sujeito cartesiano é uma ficção discursiva, um efeito de mecanismos textuais descentrados); o teórico habermasiano da comunicação (que insiste numa mudança da subjetividade monológica cartesiana para a intersubjetividade discursiva) e o defensor heideggeriano do pensamento do Ser (que salienta a necessidade de “atravessar” o horizonte da subjetividade moderna, culminando no nihilismo assolador corrente); o cientista cognitivo (que se esforça para provar empiricamente que não existe uma cena exclusiva do Si, apenas um pandemônio de forças concorrentes) e o ecologista radical (que responsabiliza o materialismo mecanicista cartesiano por fornecer o embasamento filosófico para a implacável exploração da natureza); o crítico (pós-marxista (que insiste que a liberdade ilusória do sujeito pensante burguês assenta na divisão de classes) e a feminista (que sublinha que o *cogito*, supostamente sem sexo, e na verdade uma formação masculina patriarcal). Que orientação acadêmica não foi acusada por seus adversários de ainda não ter renegado devidamente a herança cartesiana? E qual não lançou a seus críticos mais “radicais” e a seus adversários “reacionários” a pecha infamante da subjetividade cartesiana?” (ŽIŽEK, 2016, pp. 27-28)

Após um apanhamento pontual e porquê (?) não dizer irônica sobre as insurreições do anti-cartesianismo, é parte da reflexãopolítica e filosófica de Žižek a conclusão de que por mais instigantes que as críticas a subjetividade do sujeito cartesiano pareçam uma tentativa de supressão para alguns, essas inúmeras epistemologias em torno do *cogito* acabam por reforçar essa subjetividade não só essencial para a definição do sujeito moderno, como também na definição do homem contemporâneo – elas realizam-se como força ativa e poderosa que guarda o núcleo incômodo do sujeito da ontologia política.

Mas nem tudo é sobre quem se insurge contra este sujeito, Žižek também recorre a uma análise sobre o que ele denomina de “partidários da subjetividade cartesiana” – “É tempo de os

partidários da subjetividade cartesiana exporem, abertamente, ao mundo inteiro, seu modo de ver, seus objetivos e suas tendências, opondo um manifesto filosófico da própria subjetividade cartesiana a lenda do espectro da subjetividade cartesiana.”⁷⁸ Assim, a obra de Žižek não só é partidária do sujeito em Descartes como de fato “esforça-se para reafirmar o sujeito cartesiano, cuja rejeição compõe o pacto silencioso de todas as áreas conflitantes no mundo acadêmico atual: apesar de todas essas frentes estarem oficialmente envolvidas numa batalha mortal.”⁷⁹ Diferente do que poderia se conceber do toró de palpites pós-moderno e das várias críticas contemporâneas, inclusive no que se refere a superação dessa subjetividade em nome de um sujeito/homem contemporâneo niilista, Žižek traz o projeto do sujeito cartesiano em uma roupagem necessariamente ontológica-política que desemboca no sujeito incômodo da subjetividade. “A questão, obviamente, não é retornar ao *cogito* sob a roupagem da velha noção que dominou o pensamento moderno (o sujeito pensante autotransparente), mas trazer à tona seu avesso esquecido, o núcleo excessivo desconhecido do *cogito*, que vai além da apaziguadora “imagem do Si transparente”.⁸⁰

O ideal de sujeito incômodo žižekiano é o sujeito “tensionador”⁸¹ quanto à prontidão, à apatia acadêmica impregnada e às impressões construídas sobre as suas manifestações de subjetivações.

Esses modos de subjetivações guiados e pré-definidos vêm eclodir como reflexo no sujeito burguês iluminista, perfaz-se no seio do estado moderno e sofre guinada com o liberalismo. Por fim, é “acolhido” no meio acadêmico ocidental como um sujeito mecânico, onde se dá à sua inserção à “noite no mundo”; atravessado principalmente por um reduto de filosofias contemporâneas da tradição alemã, francesa e anglo-americana; formando três partes distintas e convergentes ao mesmo tempo quanto a ideia do sujeito da subjetividade moderna:

As três partes deste livro enfocam os três principais campos nos quais a subjetividade está em jogo hoje: a tradição do idealismo alemão; a filosofia política pós-althusseriana; a mudança “desconstrucionista” do sujeito para a problemática das múltiplas posições-de-sujeito e subjetivacoes1. Cada parte começa com um capítulo a respeito de um autor crucial, cujo trabalho representa uma crítica exemplar da subjetividade cartesiana; um segundo capítulo trata, então, das vicissitudes do conceito fundamental que permeia o capítulo precedente (subjetividade no idealismo alemão; subjetivação política; e, por fim, o “complexo de Édipo” como a narrativa psicanalítica da emergência do sujeito). (Ibdem, 2016, p.24)

⁷⁸ ŽIŽEK, Slavoj. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. Tradução: Luigi Barichello. São Paulo: Editora: Boitempo, 2016. pp. 24-25.

⁷⁹ Ibdem, 2016. p. 25.

⁸⁰ Ibdem, 2016. pp. 24.

⁸¹ Que pratica tensão na ordem estabelecida.

Iniciando uma leitura das “subjetividades” a partir de Heidegger, o filósofo esloveno atenta para o fato de que a filosofia heideggeriana atravessa a subjetividade cartesiana e finda por ter uma travessia mal-sucedida a partir das leituras kantianas sobre a “imaginação transcendental. “A falha fatal de Heidegger é claramente discernível no fracasso de sua leitura de Kant: em seu enfoque da imaginação transcendental, Heidegger deixa escapar a dimensão-chave da imaginação, ou seja, seu aspecto disruptivo e antissintético, que é outro nome para o abismo da liberdade.”⁸² Para Žižek os filósofos debruçados sobre o problema da subjetividade aderem a um certo “excesso” de “loucura” intrínseca a *cogito* cartesiano. Assim, “o problema em Heidegger é que sua concepção de subjetividade moderna não explica esse excesso inerente – simplesmente não “cobre” aquele aspecto do *cogito* em virtude do qual Lacan afirma que o *cogito* e o sujeito do inconsciente.”⁸³

A segunda tentativa de entendimento dessa subjetividade se dá inicialmente em uma revisão e crítica pós-althusseriana criando teorias da subjetividade política. Na obra, os filósofos tratam a filosofia de “Althusser como ponto de partida, mas posteriormente, por uma crítica a ele, desenvolveram suas próprias teorias da subjetividade política: a teoria da hegemonia de Laclau; a teoria da *égaliberté* de Balibar; a teoria da *mésentente* de Rancière; e a teoria da subjetividade como fidelidade ao acontecimento-verdade de Badiou.”⁸⁴

E por fim, a crítica de Žižek paira sobre o multiculturalismo pós-moderno confrontando a ideia de multiplicidade da subjetividade a partir de uma negação do sujeito transcendental e da universalidade. Neste ponto serão debatidas questões como a diversidade das pautas identitárias com filósofas representantes desta causa, como Judith Butler. Ainda dentro do conceito de “espectro que ronda a academia ocidental”, o filósofo irá investigar uma noção de Édipo pós-moderno e a subjetivação edípica conduzida a partir desta noção. De modo geral Žižek indagará:

[às] tendências do pensamento político “pós-moderno” atual que, contra o espectro do sujeito (transcendental), esforçam-se para afirmar a proliferação libertadora das múltiplas formas de subjetividade (feminina, gay, étnica...). Segundo essa orientação, deveríamos abandonar o objetivo impossível da transformação social global e focar nossa atenção nas diversas formas de afirmação da nossa subjetividade particular no interior do nosso universo pós-moderno complexo e disperso, no qual o reconhecimento cultural é mais importante do que a luta socioeconômica, ou seja, no qual os estudos culturais tomam o lugar da crítica da política econômica. A versão mais representativa e persuasiva dessas teorias, cuja expressão prática é a “identidade política” multiculturalista, e a teoria performativa da formação de gênero de Judith

⁸² Ibidem, 2016. pp. 24.

⁸³ Ibidem, 2016. pp. 24.

⁸⁴ Ibidem, 2016. pp. 25.

Butler. Assim, [há] um confronto detalhado com o trabalho de Butler, enfocando os aspectos que tornam possível um diálogo produtivo de seu trabalho com a psicanálise lacaniana (suas concepções de “apegos apaixonados” e o giro reflexivo constitutivos da subjetividade). O último capítulo confronta diretamente a questão-chave do “Édipo hoje”: o chamado “modo edipiano de subjetivação” (a irrupção do sujeito pela integração da proibição simbólica, encarnada na Lei paterna) estaria realmente em declínio? E, em caso afirmativo, o que o estaria substituindo? Numa confrontação com os proponentes da “segunda modernização” (Giddens, Beck), esse último capítulo defende a duradoura efetividade da “dialética do Esclarecimento/Iluminismo: longe de simplesmente nos libertar das amarras da tradição patriarcal, a mudança sem precedentes no modo de funcionamento da ordem simbólica que estamos testemunhando engendra seus próprios riscos e perigos.”(Ibdem, 2016, pp.25-26)

Assim, Žižek busca aparar as arestas da tradição anti-cartesiana construindo uma reflexão e leitura sobre epistemologias contemporâneas e da própria modernidade, como vimos. A partir de uma tentativa de superação da subjetividade em Heidegger e da análise da subjetividade política em autores como Ernesto Laclau, Jacques Rancière e Alain Badiou; além da adequação desta subjetividade cartesiana em filósofos como Kant e Hegel e as projeções dessa subjetividade no contemporâneo a partir de projeções psicanalíticas lacanianas a Judith Butler e demais filosofias.

Tudo isso se efetiva no intuito da filosofia žižekiana em como pensa uma teoria do sujeito contemporâneo; a obra *o sujeito incômodo* trata da subjetividade e os modos de subjetivações da modernidade como ferramentas além da engrenagem filosófica; investigado fundamentalmente nas possibilidades da psicanálise e inserido à perspectiva “acontecimental” do sujeito incômodo no âmbito ontológico político. Enquanto obra filosófica e política Žižek alcança no livro o “grau zero” do sujeito cartesiano incitando neste o abandono do projeto liberal para as subjetivações ou seu próprio aniquilamento. Logo, este sujeito não só deve abandonar sua falsa roupagem, como apontar em direção ao projeto anticapitalista. O sujeito incômodo da ontologia política faz da obra “embora fundamentalmente filosófica, [um] livro [...], [que possui] antes de tudo, uma intervenção política engajada, voltado para a candente questão de como reformular um projeto político anticapitalista e de esquerda em nossa era de capitalismo global e de multiculturalismo liberal-democrático, seu suplemento ideológico.”⁸⁵

Ao projeto de sujeito liberal que se estabeleceu a partir do projeto de subjetividade cartesiana, Žižek responde com o sujeito da ontologia política e a pertinente pauta anticapitalista mediante a uma inocência subjetiva empregada ao sujeito cartesiano:

Essa catástrofe encarna o Real do nosso tempo: o assomo do capital que implacavelmente negligencia e aniquila mundos-da-vida, pondo em risco a própria sobrevivência da humanidade. Mas quais são as implicações de tal catástrofe?

⁸⁵ Ibdem, 2016. pp. 26.

Estamos lidando simplesmente com a lógica do Capital ou essa lógica seria apenas o impulso predominante da atitude produtivista moderna de dominação tecnológica e de exploração da natureza? Ou, mais ainda, essa mesma exploração tecnológica seria a expressão máxima, a realização do potencial mais profundo da própria subjetividade cartesiana moderna? A resposta deste autor a tal dilema é a enfática alegação de inocência do sujeito cartesiano.” (Ibdem, 2016, p.26)

Ao nos questionar sobre o sujeito da modernidade, o homem descentrado do contemporâneo, a lógica do capital e a dominação e exploração tecnológica da atualidade, o tema subjetividade ganha não só um sentido apurado de recapitulação, mas um entendimento das possíveis posições desta subjetividade no mundo objetivo estruturado pelo capital tecnológico. O *cogito* é o mesmo, e os interesses que o rodeiam seguem no século das luzes ou em 1999, ano de publicação de *O sujeito incômodo*, aos mesmos padrões de subjetividade alienada e interpelada em nome de um projeto maior; e, claro, norteadas por um discurso acadêmico que acaba por perpassar uma narrativa de sujeito cartesiano distante do núcleo incômodo da ontologia política que pretende Slavoj Žižek. A tentativa žižekiana reflexivamente filosófica e política não está buscando alternativas fora do *cogito*, antes sim, almeja tentativas dentro deste um ideal de libertação e conscientização subjetiva do projeto cartesiano de sujeito, para-além das que foram impressas e interrompidas.

O SUJEITO-MÁQUINA

Dentro das perspectivas do cenário contemporâneo uma das questões cabais da academia no ocidente, nas diversas áreas que compõem o quadro das ciências humanas, é o entendimento do conceito de homem/sujeito(?) que estamos lidando neste dado momento, bem como suas inferências no “mundo-da-vida” estruturadas a partir de seus “modos de subjetivação” ou da lapidação de uma subjetividade singular.

Assim como examina Žižek, vagamos academicamente por projetos e ideais sobre um sujeito entre à velha roupagem moderna e em inferências múltiplas no homem descentrado contemporâneo – esclarecendo novamente que o foco deste trabalho é a problemática do sujeito e seu sentido de subjetividade que aqui estamos lidando. Em suas objetivações este sujeito/homem imprime uma marca no “mundo-da-vida” à medida em que acaba por servir conceitualmente a um tipo de impressão.

Seria o sujeito cartesiano e medido como solipsista e mecânico? Ou seria nas perspectivas do fim do sujeito moderno um homem contemporâneo aberto e cindindo? Tecnológico e psicanalisado? À luz da filosofia de Žižek encaramos neste trabalho o fato de

que, para este filósofo, tudo o que ele chama de sujeito incômodo abarcará o projeto ontológico político o qual deve servir; e nele as conclusões da psicanálise também devem ser inseridas – uma vez que se demonstra incapaz quaisquer pensamento sobre o homem que não perpassa a profundidade psicanalítica. Logo, em Žižek, ele (o sujeito) é cartesiano, psicanalisado, “acontecimental” e ontologicamente político.

Sendo assim, em qual sentido esse sujeito pode ser examinado no contemporâneo dentro do projeto da tecnologia objetivada por ele no mundo? Qual horizonte de efetivação do homem descentrado dentro do conceito contemporâneo recente: o sujeito-máquina?

Para entendermos esses vieses entre sujeito/homem e seus prismas à luz do sujeito-máquina, tal como em Žižek, partiremos do pressuposto de que este sujeito deve vir-à-ser pensado em tempo hábil como o sujeito da subjetividade incômoda e, também, em uma tentativa de reformulação anti-edipiana de Deleuze, os sujeitos dessas consequências “maquínicas”⁸⁶ do contemporâneo refletido no sujeito-devir-máquina. Um adendo: em Žižek, com referência inicial no capítulo “devir-máquina”, há uma distinção necessária entre o que Gilles Deleuze chama de “máquina desejante” e a produção lúdica da tecnociência:

O esquizo deleuziano identifica-se alegremente com essa máquina infinitamente complexa que é o nosso corpo: ele vivencia essa máquina impessoal como afirmação máxima de si mesmo, regozijando-se em seu titular constante. Como enfatiza Deleuze, o que obteremos aqui não é uma relação de metáfora (o velho e maçante tema das “máquinas substituindo o homem”), e sim de metamorfose, o “devir-máquina” de um homem. (ŽIŽEK, 2008, p. 35)

Ele atenta ao fato de que nos relacionamos com o nosso corpo assim como as máquinas se relacionam com seus aparatos. Constituímo-nos como “máquinas desejantes” que tangem os

⁸⁶ O sentido “maquínico” aqui faz uma alusão à leitura deleuze-guattariana da ideia de máquina e ao mesmo à uma leitura metafórica do conceito de máquina-máquina que se acopla ao sujeito formando o conceito sujeito-máquina. No que se refere a esta alusão, no texto, de fato, Deleuze e Guattari ao definir a “máquina desejante” nos insere dentro do fluxo de produção material; apresentando-nos o conceito não-metáforico de como somos máquinas que se acoplam as demais máquinas em uma conexão e fluxos contínuos. Assim, a referência neste trabalho se dá por uma alusão do conceito de “máquinas desejantes” tanto em sentido metafórico (máquinas da produção tecnológica acopladas ao sujeito) quanto em sentido deleuze-guattariana, numa tentativa lúdica de utilizar-se dos termos quando nos referimos ao sujeito-máquina. “Portanto, não é por metáfora que falamos de máquina: o homem compõe máquina desde que esse caráter seja comunicado por recorrência ao conjunto de que ele faz parte em condições bem determinadas. O conjunto homem-cavalo-arco forma uma máquina guerreira nômade nas condições da estepe. Os homens formam uma máquina de trabalho nas condições burocráticas dos grandes impérios. O soldado de infantaria grego compõe máquina com suas armas nas condições da falange. O dançarino compõe máquina com a pista nas condições perigosas do amor e da morte. Não foi de um emprego metafórico da palavra máquina que partimos, mas de uma hipótese (confusa) sobre a origem: a maneira como elementos quaisquer são determinados a compor máquinas por recorrência e comunicação; a existência de um ‘phylum maquínico’”. DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1972) O anti-Édipo. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 508.

devires-máquinas, e não como um devir-máquina cibernético no horizonte de uma pós-humanidade.

Neste trabalho, o sujeito-incômodo e o sujeito-máquina são o centro de uma leitura necessária numa tentativa de especulação do sujeito da subjetividade dentro e fora do cerne da modernidade. Na modernidade em sentido de como se define o primeiro e de como esse sujeito se torna um tipo de “espectros da comunidade acadêmico ocidental”, como vimos anteriormente; e sobre às especulações possíveis do sujeito-máquina situado principalmente no que chamamos de homem contemporâneo e suas acepções históricas e contextuais.

Para isto, uma pergunta pertinente deve ser pensada: como se dá esse sujeito/homem contemporâneo mais uma vez imerso em uma realidade global do capital agora tecnológico? A subjetividade, como pergunta Žižek, encontra-se no contexto de dominação tecnológica, segundo o filósofo, representando uma nova roupagem do capital. Assim sendo, seria “a exploração tecnológica seria agora a expressão máxima, a realização do potencial mais profundo da própria subjetividade cartesiana moderna?”⁸⁷ Seria o sujeito da ultra técnica o sujeito máquina desprovido de subjetividade?

De fato, o tema que aqui tento corroborar em via de mão única entre sujeito incômodo e sujeito-máquina está disposto em uma forma única de sujeito: o sujeito da subjetividade cartesiana de Žižek – já que os seus modos de subjetivações são a chave do entendimento desse sujeito. E, até aqui, às críticas žižekianas e questionamentos nos bastam para lançarmo-nos em questões fulcrais desse sujeito no contemporâneo. A problemática, no entanto, perpassa outros caminhos que os já estabelecidos pelo filósofo; acontecendo no amplo terreno que compõe as indagações sobre como os caminhos da subjetividade cartesiana irá sobreviver dentro dessa esfera tecnológica do capital. Para-além, se em nossa realidade tecnológica somos “máquinas desejanter”⁸⁸ imersos de modo contrário, à serviço do capital; se já somos compreendidos enquanto sujeito-máquina; se alcançaremos o patamar de sujeito-máquina com possibilidades de subjetivações ou, em caso contrário, se estamos indo em direção ao sujeito-máquina nas vias de realização de uma objetificação da subjetividade.

De antemão, vale lembrar que Žižek nos salvaguarda com a certeza confortante de que o sujeito-incômodo escondido no cerne de nossa subjetividade é necessariamente a saída para

⁸⁷ ŽIŽEK, Slavoj. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. Tradução: Luigi Barichello. São Paulo: Editora: Boitempo, 2016. p. 26.

⁸⁸ A exemplo da alusão do uso do termo “máquinas desejanter” na nota de rodapé da página anterior.

um levante político contra a serventia alienante que envolve a subjetividade cartesiana. No livro, apesar de não se aprofundar, o filósofo também questiona sobre a validade do projeto da subjetividade na atualidade da do capital tecnológico; e todo o campo de problemática anteriores desaguam em uma pergunta crucial: Afinal, como se dá a subjetividade cartesiana na era do sujeito-máquina?

Na contramão da maioria dos entusiastas e não-entusiastas do projeto “antropotécnico” do sujeito-máquina e as demais produções da tecnologia como robóticas e “virtualidade” do mundo-da-vida, Žižek ancora esse cenário do fim do velho mundo e da superação do homem pela máquina no que ele chama de “devir-máquina”, em sua obra *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*. No livro, no melhor dos mundos possíveis das perspectivas žižekianas, e contra o fim do mundo humano das ficções, onde a humanidade beira a aniquilação por revolução robótica, Žižek não só dirige suas “profecias” filosóficas na contramão das perspectivas do fim do homem, como também pensa o “devir-máquina” como a possibilidade de uma outra subjetividade cartesiana, agora incômoda e potencializada em modos de subjetivação desubstancializados. E por que não dizer, de uma subjetividade “objetificada” positivamente a partir da maximização/acoplamento da máquina-máquina no sujeito-máquina. De modo geral, podemos dizer que para o filósofo esloveno, o sujeito-máquina é, sem nenhum alarde, o projeto perfeito do novo grau da subjetividade do sujeito cartesiano, ou seja: o sujeito-incômodo-máquina.

De fato, apesar de alegar certo desgaste ao campo de debate apocalítico no contemporâneo: sobre se o seremos substituídos pela máquina ou não; é pelo caminho da análise da subjetividade na possibilidade do sujeito-devir-máquina que Žižek credita uma função fundamental de valoração do sujeito-máquina, inclusive na construção desta nova subjetividade.

A saber, o sujeito-máquina é em si e, por si, um projeto de adaptação necessariamente humana e realizável. Ao passo que em 1999 o esloveno pensa no sujeito incômodo questionando a dominação e exploração pela tecnologia capital, em *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*, Žižek encara a possibilidade da tecnologia realizando-se concomitantemente com o homem na linha tênue deste enquanto “máquina desejante” que é; e não em uma pós-produção ficcional científica medonha que o subjuga a partir de uma máquina exterior a ele.

O espectro da velha “forma” e/ou “substância” humana se desdobra no sujeito-máquina – que não precisa ser alcançado como um projeto robótico (Robocop) –, contudo apenas como nós, humanos, fusionados a aparatos cognitivos tecnológicos.

O problema não é como reduzir a mente pela linguagem dos processos neuronais “materiais” (substituir a linguagem da mente a processos neuronais “materiais” (substituir a linguagem da mente pela linguagem dos processos cerebrais e traduzir a primeira em termos da segunda), mas, sobretudo, compreender como a mente pode surgir somente ao estar incrustada na rede de relações sociais e suplementos materiais. Em outras palavras, o verdadeiro problema não é: Como, caso possível, as máquinas poderiam imitar a mente humana? mas: “Como a própria identidade da mente humana depende de suplementos mecânicos externos? Como ela incorpora as máquinas? (Ibdem, 2016, pp. 27-28)

Deste modo, a exteriorização dos processos cognitivos em objetos como máquinas inteligentes em Žižek é visto de modo otimista, necessário e por que não dizer libertador. Segundo ele, deveríamos nos perguntar como essa objetificação mental nos levaria a um ideal de humanos “puros”. Uma vez que a objetificação/exteriorização cognitiva a partir de incorporação da máquina nos traria o esvaziamento e ao surgimento da subjetividade sem substância, cito:

Ao invés de lamentar o quanto a exteriorização de nossas capacidades mentais em instrumentos “objetivos” (da escrita em papel à dependência do computador) nos priva do nosso potencial, deveríamos, portanto, enfocar a dimensão libertadora dessa exteriorização: quanto mais nossas capacidades são transferidas para máquinas externas, mais surgimos como sujeitos “puros”, já que o esvaziamento equivale ao surgimento da subjetividade sem substância. Apenas quando formos capazes de depender de “máquinas pensantes” seremos confrontados com o vazio da subjetividade. (Ibdem, 2008, p. 35)

Assim, nos deparamos com o sujeito-devir-máquina žižekiano onde a reflexão filosófica do sujeito-máquina não é sobre uma aniquilação da subjetividade da velha forma humana, antes sim, é sobre objetivar a inteligência numa combinação da mente humana com a máquina (máquina-máquina, logo, sujeito-máquina) em direção aos “modos puros de subjetivação” na aurora dos sujeitos-máquina.

Dessa forma, cabe aqui algumas considerações sobre as vias de “acontecimento” do sujeito incômodo e do sujeito-máquina: nos dois casos temos a necessária intenção de recriar em algum ponto entre a modernidade e os pós-modernos uma subjetividade que rompa com o

semblante caduco que a academia ocidental pretende com o sujeito do velho mundo e que, ao mesmo tempo, possa vir a solidificar em uma nova roupagem de sujeito incômodo e de sujeito-máquina a aurora de uma nova subjetividade subversiva: o *cogito* cartesiano ontologicamente político maximizado pela potência da máquina.

É sobre reformular nossa subjetividade surrupiada pelas estruturas hegemônicas do capital utilizando-se da possibilidade da evolução da tecnologia e ainda assim lançar críticas a dominação do capital global tecnológico. É, antes de mais nada, um alento filosófico na corda bamba datensão ocidental de epistemologias que criaram uma crise do sujeito/homem humano, das previsões apocalíticas de aniquilação pela tecnologia – que mais uma vez automatizam e apregoam certa inocência apática ao sujeito –, da apostasia epistêmica esculpida na subjetividade cartesiana e de nos definirmos enquanto sujeitos incômodos, logo, enquanto sujeitos subversivos de uma ordem sistêmica e de uma subjetividade interrompida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que a rica leitura de Slavoj Žižek vem nos contemplar com *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política* e *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências* é a percepção de um debate profícuo fundamental para a construção e definição do homem descentrado contemporâneo: a problemática do sujeito, da noção de sujeito e, principalmente, daquilo que perfaz sua marca no mundo-da-vida; a saber, a sua subjetivação e seus modos de subjetivação efetivados. Como foco desta pesquisa, pensar essa subjetividade à luz de um corte epistemológico que a filosofia žižekeana faz a tradição ocidental e suas tentativas de reformulação ou exclusão do *cogito* cartesiano, nos ajuda a pensar no sujeito histórico do “grau zero” da ontologia política, contudo também nas acepções que foram inferidas na subjetivação de um homem descentrado abordado no contemporâneo sob a perspectiva de um homem em crise, do homem do capital tecnológico e, logo, do homem do fim do velho mundo. Para além, pensamos no sujeito deste perfil do capital tecnológico dentro de outro novo espectro: a saber, o espectro do sujeito máquina nas perspectivas apocalíticas da superação do homem pela máquina. O que estabelecemos aqui é uma noção clara de subjetividade e uma visualização contrária ao perfil das epistemologias ocidentais no que se refere ao sujeito em si e em uma noção contrária às ciências cognitivas no que se refere a uma possibilidade “autômata” de um futuro máquina. Unir o capítulo “Devir-máquina” do livro *Órgãos sem corpos*, com o sujeito

incômodo cartesiano é ter como alvo a subjetividade que vai além da noção de “espectro acadêmico ocidental” e ter fluxos de “modos de subjetivação” que corre para além da aniquilação “autômata” da subjetividade em um mundo dado e objetivado pela máquina. O que Žižek intui não é sobre um sujeito simples e condenado por inúmeras epistemologias, antes sim, é sobre um projeto de insurreição de sujeito incômodo que a tudo sobrevive, inclusive a uma realidade ultra-tecnológica que por hora força uma derrocada do sujeito mediante o advento da máquina.

Referências bibliográficas

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____. *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*. Tradução: Manuella Assad Gómez. Rio de Janeiro: Editora: Cia. De Freud, 2008.

_____. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. Tradução: Luigi Barichello. São Paulo: Editora: Boitempo, 2016.

SAFATLE, Vladimir. *Os fundamentos da filosofia política de Žižek*. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/06/27/safatle-politica-e-teoria-do-sujeito-em-zizek/>>.

Acesso em 20/03/2021.